|  |
| --- |
| http://profile.ak.fbcdn.net/hprofile-ak-snc4/273381_100002892551665_4092945_n.jpghttp://www.drealg.min-edu.pt/imgs/img_logo_me.png402308\_**Escola Secundária de Moura****Ano Letivo 2012/2013**Disciplina de **Português** – **12.º Ano, Turma B** |

**APRESENTAÇÃO ORAL**

***MEMORIAL DO CONVENTO*: O NARRADOR - CLASSIFICAÇÃO**

**1. Narrador e narratário**

**1.1. O narrador: definição e classificação**

* Narrador: ser virtual criado pelo autor a quem cabe a tarefa de enunciar o discurso narrativo, organizar o modo de narrar e decidir o ponto de vista a adotar. É ao narrador que cabe a configuração do universo diegético.

|  |
| --- |
| **Classificação do narrador** |
| * Quanto à **presença**…
1. Não participante:

🡪 **Heterodiegético**: o narrador não participa na ação.1. Participante:

🡪 **Autodiegético**: o narrador é personagem principal;🡪 **Homodiegético:** o narrador é personagem secundária. |
| * Quanto à **ciência/focalização**…
1. **Omnisciente**: colocado numa posição de transcendência, o narrador mostra conhecer toda a história, manipula o tempo e conhece o interior das personagens;
2. **Interna/Intradiegética**: apesar de conhecer toda a história, o narrador adota o ponto de vista de uma ou mais personagens, daí resultando uma diminuição ou restrição de conhecimento;
3. **Externa/Extradiegética**: o conhecimento do narrador limita-se ao que é observável do exterior.
 |
| * Quanto ao **ponto de vista**…
1. **Objetivo**: relata a história com objetividade e imparcialidade;
2. **Subjetivo**: relata a história com subjetividade, expressando juízos de valor e considerações pessoais. É parcial no que diz.
 |

**1.2. O narratário: definição**

* Narratário: pode identificar-se com o leitor virtual (todo o leitor que venha a ler a obra). É a ele que se dirige o narrador. Pode também ter o estatuto de uma personagem e intervir na ação.

**2. O narrador em *Memorial do Convento***

**2.1. Classificação do narrador quanto à presença**

1. Narrador heterodiegético:
* No romance *Memorial do Convento*, o narrador é, geralmente, **heterodiegético**, ou seja, trata-se de uma entidade exterior à história que assume a função de relatar os acontecimentos. Surge normalmente na terceira pessoa (essa presença é transmitida pelos pronomes e verbos).
* Por vezes, a voz do **narrador heterodiegético** confunde-se com o **pensamento de outra personagem**:

“Veio andando devagar. Não tem ninguém à sua espera em Lisboa, e em Mafra, donde partiu anos atrás para assentar praça na infantaria de sua majestade, se pai e mãe se lembram dele, julgam-no vivo porque não têm notícias de que esteja morto, ou morto porque as não têm de que seja vivo. Enfim, tudo acabará por saber-se com o tempo.”

Saramago, José (2012). *Memorial do Convento*. Editorial Caminho (51.ª edição)

1. Narrador homodiegético:
* Surge, igualmente na obra, um **narrador homodiegético**, que ocorre na primeira pessoa do singular ou plural. Este narrador é uma personagem da história, que revela as suas próprias vivências – não se trata do protagonista, mas de uma personagem que se insere na diegese e que, em determinada situação, reivindica o relato dos acontecimentos que viveu. O narrador pode tratar-se/ser:
* Um eu nacional e coletivo, associado aqui à ideia de Pátria. O narrador identifica-se com as outras personagens, como acontece no excerto que se segue:

“(…) na grande entrada de onze mil homens que **fizemos** em outubro do ano passado e que se terminou com perda de duzentos **nossos** (…) A Olivença **nos recolhemos**, com algum saque que **tomámos** em Barcarrota e pouco gosto para gozar dele (…)”

Saramago, José (2012). *Memorial do Convento*. Editorial Caminho (51.ª edição)

* O “eu” narrador pode ser descrito como o “eu” autor textualmente implícito;
* O narrador homodiegético pode aparecer misturado com a própria multidão;
* União entre a voz do narrador e a de outras personagens, em substituição do discurso direto:

“Num canto da abegoaria desenrolaram a enxerga e a esteira, aos pés delas encostaram o escano, fronteira a arca, como os limites de um novo território, raia traçada no chão e em panos levantada, suspensos estes de um arame, **para que isto seja de facto uma casa e nela possamos encontrar-nos sós quando estivermos sozinhos**.”

Saramago, José (2012). *Memorial do Convento*. Editorial Caminho (51.ª edição)

* Para além do narrador principal, existem outros **narradores secundários homodiegéticos/vozes narrativas**, como por exemplo:
* Manuel Milho que, durante a ida a Pêro Pinheiro, noite após noite, vai contando parte de uma história aos companheiros;
* João Elvas que, para entreter a noite enquanto estão abrigados no telheiro, conta a Baltasar numa série de crimes horrendos.

**2.2. Classificação do narrador quanto à ciência/focalização**

1. Focalização omnisciente**:**
* O tipo de focalização predominante na obra é omnisciente, mas a omnisciência do narrador situa-se para além do sentido tradicional do vocábulo. Trata-se aqui de um saber que implica não só a transcendência em relação a todas as personagens como uma perspetiva tridimensional do tempo – o presente, o passado e o futuro – a que está subjacente uma visão integrada dos acontecimentos e a inscrição dos fenómenos narrados numa determinada cultura, transversal a um conhecimento global da História. É, aliás, este conhecimento que permite ao narrador seguir eventos ocorridos em tempos distintos. Assim, o narrador está presente ao nível do tempo da história e, simultaneamente, surge num outro tempo, posterior, o do discurso, o tempo da enunciação.
1. Focalização interna/intradiegética:
* Instaura-se o ponto de vista de uma das personagens que vive a história.
* Neste romance, por vezes, é a perspetiva de determinada personagem que nos é apresentada, acontecendo ser esta que apresenta os seus pensamentos e relata os acontecimentos – é o caso, por exemplo, de Sebastiana Maria de Jesus, a mãe de Blimunda, quando nos relata a sua situação durante o auto de fé:

“(…) e esta sou eu, Sebastiana Maria de Jesus, um quarto de cristã-nova, que tenho visões e revelações, mas disseram-me no tribunal que era fingimento, que ouço vozes do céu, mas explicaram-me que era feito demoníaco, que sei que posso ser santa como os santos o são, ou ainda melhor, pois não alcanço diferença entre mim e eles, mas repreenderam-me de que isso é presunção insuportável e orgulho monstruoso, desafio a Deus, aqui vou eu blasfema, herética, temerária, amordaçada para que não me ouçam as temeridades, as heresias e as blasfémias, condenada a ser açoitada em público e a oito anos de degredo no reino de Angola (…)”

Saramago, José (2012). *Memorial do Convento*. Editorial Caminho (51.ª edição)

* No excerto a seguir transcrito, a descrição do espaço físico (Mafra) é feita de acordo com o olhar de Baltasar, privilegiando-se, assim, a focalização interna:

“Está um pouco azamboado Sete-Sóis, que nova Mafra é esta, cinquenta moradas lá em baixo, quinhentas cá em cima, sem falar noutras diferenças, como esta fiada de casas de pasto, barracões quase tão grandes como os dormitórios, com mesas e bancos corridos, fixados no chão (…)”

Saramago, José (2012). *Memorial do Convento*. Editorial Caminho (51.ª edição)

1. Focalização externa/extradiegética:
* Estamos perante um narrador observador, que descreve objetivamente o ambiente que o cerca:

“Ficará neste alto a que chamam da Vela, daqui se vê o mar, correm águas abundantes e dulcíssimas…”

Saramago, José (2012). *Memorial do Convento*. Editorial Caminho (51.ª edição)

1. Focalização interventiva/judicativa:
* A focalização interventiva surge com a função de comentário, aliada à adesão ou rejeição de comportamentos ou formas de estar das personagens, e apresenta, geralmente, uma função ideológica.
* Em determinados momentos, encontramos uma focalização interventiva. Esses momentos correspondem às seguintes situações:
* O narrador tece comentários, por vezes com caráter valorativo, a propósito dos eventos narrados:

“(…) Um dia terão lástima de nós as gentes do futuro por sabermos tão pouco e tão mal, padre Francisco Gonçalves, isto dissera o padre Bartolomeu Lourenço antes de recolher ao seu quarto, e o padre Francisco Gonçalves, como lhe competia, respondeu, Todo o saber está em Deus, Assim é, respondeu o Voador, mas o saber de Deus é como um rio de água que vai correndo para o mar, é Deus a fonte, os homens o oceano, não valia a pena ter criado tanto universo se não fosse para ser assim, **e a nós parece-nos impossível poder alguém dormir depois de ter dito ou ouvido dizer coisas destas**.”

Saramago, José (2012). *Memorial do Convento*. Editorial Caminho (51.ª edição)

* Os comentários do narrador traduzem a voz do povo:

“(…) já se ouviu bater a porta, soaram os passos na escada, vêm falando familiarmente a ama e a criada, **pudera não** (…)”

Saramago, José (2012). *Memorial do Convento*. Editorial Caminho (51.ª edição)

* O narrador recorre a aforismos (frases que, normalmente, têm uma moralidade específica).
* Por outro lado, as intervenções do narrador surgem como prolepses, antecipando acontecimentos. A antecipação de alguns acontecimentos serve os seguintes objetivos:
1. A crítica social – é o caso das prolepses que dão a conhecer as mortes do sobrinho de Baltasar e do infante D. Pedro, de modo a estabelecer o contraste entre os dois funerais, ou a morte de Álvaro Diogo, que viria a cair de uma parede, durante a construção do convento, assim como a informação sobre os bastardos que o rei iria gerar, filhos das freiras que seduzia;
2. A visão globalizante de tempos distintos por parte do narrador (o tempo da história e, num tempo futuro, o do momento da escrita) – cabem aqui as referências aos cravos (outrora, nas pontas das varas dos capelães; muito mais tarde, símbolos da revolução do 25 de abril), a associação entre os possíveis voos da passarola e o facto de os homens terem ido à Lua, no século XX, a alusão ao tipo de diversões que se vivia no século XVIII e ao cinema, entre outras.

**2.3. Classificação do narrador quanto ao ponto de vista**

* Em *Memorial do Convento*, o narrador pode ser considerado tanto objetivo como subjetivo, já que são várias as situações em que se expressam juízos de valor e opiniões sobre determinados assuntos. Para tal, utiliza a ironia por diversas vezes para expressar aquilo que pensa.

**3. O narratário em *Memorial do Convento***

* Leitores;
* Baltasar e os companheiros de trabalho, quando Manuel Milho, na ida a Pêro Pinheiro, noite após noite, vai contando parte de uma história aos companheiros;
* Baltasar, quando João Elvas, para entreter a noite enquanto estão abrigados no telheiro, lhe conta uma série de crimes horrendos;
* O próprio João Elvas, durante o diálogo que se estabelece entre este e Baltasar.

**4. Conclusão**

* O narrador de *Memorial do Convento* ultrapassa o simples estatuto de narrador omnisciente característico do romance histórico. Como resultado de tal facto, há momentos no romance onde se evidencia:
* A intertextualidade com outras obras e outros autores, ultrapassando as barreiras do tempo, como acontece com as referências a Padre António Vieira e a sua oratória, Pessoa e *Mensagem* e Camões e *Os Lusíadas*;
* A mudança de focalização do narrador para a de uma personagem (auto-de-fé onde Sebastiana Maria de Jesus se encontra, por exemplo);
* A mudança repentina do convencional discurso de terceira pessoa para o de primeira pessoa, indiciando uma proximidade do narrador com as personagens, embora não sendo personagem da diegese;
* A permanente ansiedade do narrador pela contemporaneidade que conduz à constante reflexão sobre a vida humana – o homem como centro da narração saramaguiana;
* O conhecimento de histórias da tradição e do imaginário popular (o vulto do homem na lua, por exemplo);
* Os juízos pessoais, amargamente irónicos, mas também simpáticos;
* Apartes que revelam cumplicidade com leitor;
* A partilha de referentes comuns ao narrador e ao leitor do século XX, profundamente irónica como o nome de Saramago, a moda do bronzeado, as flores de abril, o cinema como forma de lazer e o parto sem dor;
* A atualização de conceitos, uma vez que o narrador tem consciência que o leitor não domina o universo do século XVIII.